

PREÇO
200 REIS



RISO

N. 4
JUNHO



Camisaria Progresso

== CASA DE 1ª ORDEM ==
IMPORTAÇÃO DIRECTA



A maior e a mais bem montada Fa-
brica de roupas brancas para homens, se-
nhoras e creanças.

== GRANDE ARMAZEM DE
VENDAS A VAREJO ==

Além dos artigos confeccionados em
nossas oficinas temos sempre um stock
consideravel de mercadorias recebidas di-
rectamente dos melhores fabricantes estran-
geiros.

Vendas rigorosamente observadas
== a Preço Fixo ==

Troca-se ou restitue-se a importancia paga por qualquer artigo
que não corresponda á expectativa do Comprador.

Praça Tiradentes, 2 e 4

Esquina da Rua da Carioca ☎ TELEPHONE 1880

Castro Lopes & Brandão



RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1911

O RISO

Semanario artistico e humoristico

NUM. 4

Propriedade: Rebello Braga

ANNO I

CHRONICA

Este friosinho que appareceu de repente, é o diabo!

Com o calor ainda a gente se arranja, mas com essas noites tão compridas e tão frias é

que um pobre celibatario curte mais dolorosamente as agruras do isolamento. A sahir o tempo não convida... De mais sahir para que? A temperatura não permite as longas *flaneries* pela Avenida, as longas palestras nos cafés. Com este tempo um cidadão constipa-

se logo e não ha meio de palear tossindo ou flunar elegantemente com um pingo no nariz.

Ainda por cima as noites são longas...

Que fazer? Agarrar-se a um livro?

Mas o assumpto de todos os livros é o Amor e lendo as aventuras apaixonadas que os romancistas inventam, ainda mais se sente na carne, no sangue e nos neryos a sede furiosa de uma companheira, um ente do sexo iragil e delicioso, uma d'essas creaturas que encantam pelo contacto, pelo complexo, pela voz, pelo olhar... quesó por existir a nosso lado enchem nossa existencia de alegria, que se goza em vel-a, ouvil-a, tocar-lhe as mãos macias, sentir-lhe o perfume da pelle setinosa, aspirar-lhe o halito num beijo, dominal-a, esmagal-a num delirio de voluptua.

Una d'essas creaturas subteis, esbeltas e airosas que ao menor gesto, em todas as altitudes inspiram pela linha mi-



A simplicidade impudica e ingenua é o melhor encanto feminino.



ELIXIR DE NOGUEIRA —

do Pharmaceutico Silveira

Cura a syphilis.





mosa do corpo, pelo fulgor dos olhos' pelo sorriso, ideas de amor e de ventura.

Não. Ler a historia dos amores e da felicidade alheia é augmentar a afflicção ao afflicto.

Então que fazer em uma noite longa e fria, como essas, que temos tido?

Dormir... sonhar talvez — dizia Hamlet.

Resta a consolação de deitar-se, repousar o corpo atormentado.

* *

Exactamente agora cahiu-me sob os olhos um telegramma dizendo que a Sociedade Protectora dos Animaes, em Londres, offereceu ao Jardim Zoologico da City mil libras para aquisição de uma *bisou* — isso é, uma fema para o bisou que ha mezes vive só em um cercado daquelle jardim.

Ao que parece o *bisou* assolado pelos naturalistas britanicos soltava em noites de luar mugidos melancolicos, exprimindo a magua de seu exilio triste e só. Os protectores de animaes de Londres, commovidos, comprehendendo naquelles mugidos desoladores a saudade de uma companheira de flancos robustos e sensiveis, desembolçou mil libras para que o pobre touro selvagem não soffra os tormentos do isolamento.

E não ha uma sociedade protectora dos homens... celibatarios!

E um pobre diabo como eu tem que dormir sósinho com uma noite destas.

Garôto.



Extasis

Vem!... Vem carnação divina e nova,
Atira sobre mim o teu cabello
Cheiroso como o trevo, Consuelo!
E no rubro divan da azul alcova
Atira as rendas todas da mantilha,
Borboleta mundana de Sevilha!

Sonhemos ao luar! E' queda a rua!...
A cornucopia abramos dos desejos
A' cavatina angelica dos beijos,
Dos beijos quentes ao clarão da Lua!
O sereno rocía o arvoredado...
Mais um favo do céu dado em segredo!

Abre a rubra papoula dessa bocca,
Como ao orvalho que o sereno chora
Se abrem as rosas ao albor d'aurora!
Em teus braços suffoca ess'alma louca
Andaluzo travessa, petulante,
Ao pandeiro dos beijos, minha Amante!

Heros.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“ O RISO ”

deverá ser remettida á sua redacção
á Rua da Alfandega, 182.

Telephone 3.803.

Tiragem 15.000 exemplares.

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital	10\$000
Exterior	12\$000
Numero avulso...	200 réis

O caso do “Satellite”

Encontrei um dia o meu amigo Nepomuceno. E' este meu amigo um velho republicano apaixonado, vehemente e invicto. Foi da Escola Militar. tomou parte na revolta 6 de Setembro, foi á Canudos, andou mettido no 5 de Novembro; etc.; tem, portanto, o curso, completo da mashorca e defesa da Republica.

Hoje é empregado da Prefeitura e sonha para o Brazil um governo forte, energico, que acabe com as ladroeiras e defenda-o dos insultos dos estrangeiros.

— Então, Nepomuceno, — que achas do caso “Satellite”?

O meu amigo não quiz responder logo. Continuou calado, mas eu insisti:

— Que achas?

— Hum! meu filho, eu sou um velho republicano, defensor do Floriano, conspirarei contra o Prudente, e...

— Achas que foi horroroso?

— Quem te disse isso?

— Pensei.

— Nada tens que pensar, porquanto — Mas teu republicanismo não te deu logo uma opinião?

— Deu!

— Qual é?

— E' que o regimen ficou mais bem consolidado. Está ahi.

Não me admirei e despedi-me.

Lycio.



Uma fita agradável

Oito horas da noite. O movimento da rua era grande. Bonds e automoveis cruzavam n'uma correria infernal. Ao longe um convento badalava.

A porta de uma casa profusamente illuminada estacionava uma multidão enquanto uma banda de musica sentada á calçada tocava um tango adoravel. As campainhas soavam e vozes apregoavam uma coisa qualquer.

Era um cinematographo.

Lá dentro, a sala estava repleta e o calor era estenuante. Um piano automatico feria o espaço com um trecho da Viuva Alegre. Duas matronas, que se destacavam pela excentricidade dos typos, acompanhavam um parzinho mimoso. Era a familia do Paiva, velho funcionario publico fallecido havia alguns annos,

Emquanto todos esperando a hora da sessão divagavam os olhos pelo vasto salão, os dois namorados entretinham-se n'uma conversa entre os dentes.

Abriam a cortina. O povo invadiu a sala de espectaculos debaixo de tremendo alarido. Senhoras gritavam e faziam valer os direitos do sexo. Cavalheiros protestavam pedindo mais civilidade.

A familia do Paiva abançou-se atraz, n'um canto a conselho de seu Eurico que já estava pratico em assumptos cinematographicos. Não é preciso dizer que a menina Olga se collocára ao lado do futuro noivo,

Apagaram a luz e começou a funcção.

Como em todos os programmas a primeira fita representava uma cidade qualquer da India, em seguida uma comedia, depois um film, uma fita dramatica e finalmente uma parte comica. Durante a sessão as duas senhoras não tiraram os olhos do panno, enquanto seu Eurico e Olguinha faziam lá suas fitas.

Terminou o espectaculo. Cá fóra reinava ainda o mesmo borborinho. As finanças do elegante mancebo não permittiam certas franquezas e por isso elle mesmo se incumbira de tomar o rumo de casa. Os dois apaixonados caminhavam á frente, a passo largo, deixando com algum atrazo as matronas que discutiam e provavam a superioridade do cinematographo sobre o theatro.

Cada qual salientava a belleza de um film e D. Candinha recordava-se do fallecido por ter visto uma scena que elle repetia constantemente.

Mais alguns passos e chegaram á casa. Seu Eurico puxando do bolso um cigarro acendeu-o e entrou em conversa com a futura sogra.

— Então, D. Candinha gostou?

— Muito, muito. Si as cousas não estivessem tão bicudas, acredite que seria minha penitencia todas as noites.

E a senhora, D. Joanna, ... que tal? ... eu não lhe dizia que a Tosca era uma fita magnifica.

E' bôa, porém gostei mais da ... como é que se chama mesmo? ... da ... da ... Aranha.

Novamente se fizeram as apreciações, até que D. Candinha notando o mutismo em que se conservava a filha, perguntou lhe:

— E tu, minha filha, qual gostaste mais?

A menina muito atrapalhada procurando uma resposta qualquer disse:

Eu mamã, eu ... eu gostei mais da criança perdida.

P. Lado.



Madame X encontra-se com o Solfieri. O delegado traça roupa de brim à la mode e a sua tradicional gravata roxa.

O suburbanô:

— Como vai V. Ex.?

— Muito impressionada.

— Impressionada?

— Agradavelmente!

— Ah! bom!

— Com o seu ultimo soneto n' *O Malho*.

— Quanta benevolencia!

— Não ha tal!

O doutor é um original ...

— Como, minha senhora? ...

— E' que os pés dos seus sonetos ...

Sangram!

— Não atino!

— Por estarem quebrados.



Entre «ellas»:

— Conheces aquelle deputado?

— Não.

— E' uma lingua de ouro.

Não deve ser agradável.

— Ao contrario: quando fala, as galerias enchem-se.

Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Silveira Cura molestias da pelle.



O Pudor

A primeira mulher, que se lembrou de dar ao Pudor o caracter e a cathegoria de uma virtude, era, de certo, velha, ou pelo menos muito feia, senão de rosto, pelo menos de corpo; devia ser uma creatura de seios flaccidos e pesados, cahidos como saccoes vazioes, de pernas descarnadas e tortas, ventre volumoso, quadris seccos e joelhos ossudos.

Uma mulher de plastica agradavel, curvas perfeitas e carnção solida, disposta com harmonia em linhas encantadoras e suggestivas, não se lembraria de occultar os primores do seu physico. Pois si ellas tudo fazem para parecer bonitas, porque razão deixariam de apresentar o que de mais bello tivessem?

Actualmente, até as mulheres bonitas têm ou fingem ter pudor, mas isso é um effeito, assás lamentavel, da educação e dos preconceitos accumulados em muitos seculos.

Na idade de ouro, nos tempos heroicos e felizes ninguem tinha esse sentimento

monstruoso e suspeito que é a vergonha do seu proprio corpo. Homens e mulheres, anciãos e donzellas, exhibiam francamente toda a carne, com a mesma simplicidade com que hoje deixam ver o rosto e as mãos.

Porque razão teria surgido a idéa de considerar vergonhosa a apresentação do collo, do ventre e das pernas? Só poderia ser pelo motivo que acima indico, porquanto o Pudor nada tem de instructivo ou moral. Ao contrario é um contrasenso, nascido da es- perteza e da malicia. Porque não se julgou tambem vergonhoso o rosto? Em primeiro logar por commodidade, em segundo porque o rosto, embora á custa de pinturas e cosmeticos, resiste por mais tempo aos insultos dos annos, ao passo que os thesouros do peito e esculpturas das ancas deformam-se logo após a adolescencia e tornam-se despídos de belleza após a maternidade.

D'ahi a necessidade de inventar um pre- texto para occultar o corpo.

Quando todos andavam simples e irge- nuamente nus, era facil aos homens julgar o valor esthetico das mulheres e escolher a mais perfeita ou de physico mais bello e mais confortavel. Vestidas, as mulheres podem nos illudir com o engodo da elegancia e provocar paixões cegas, seduzir infelizes, as quaes só revelam os defeitos de seu corpo depois que alcan- çaram o amor.

O pudor tem por fim princi- pal obrigar os homens a com- prarem nabos em saccoes.

Portanto, é um plano de perfidia e traição. Evita o confronto com as mulheres verdadeiramente bellas, e força os do sexo barbado a aceitar o que de certo não escolheri- am se pudessem julgar.

Além disso, é um contrasen- so; e a prova está na diversi- dade do pudor de um para ou- tro povo.

No Occidente as mulheres decotam-se até os seios; mas julgar-se iam deshonradas se alguem as visse dos seios para baixo. No Oriente usam ves- tidos abertos de modo que se lhes veja o ventre e especial- mente o umbigo. Isso é que ellas consideram elegante. Em compensação, não sahem á rua sem cobrir cuidadosa- mente o peito e o rosto.

Outra prova de que o pudor não é instinctivo como dizem os moralistas.



A innocencia desconhece o pudor,



Na Zolulândia os inglezes querem acabar com o doce habito da nudez; annunciaram que dariam premios aos indigenas que se apresentasse n vestidos perante as autoridades.

Pois os ingenuos negrinhos vestiam um casaco curto, que apenas lhes cobria os hombros e os braços e, assim, iam reclamar o premio, muito convencidos de que estavam vestidos, respeitando toda a pudicicia ingleza.

O corpo feminino só deve ser occulto com tecidos estupidos e frios, quando não pode offerecêr belleza aos nossos olhos.



Um cidadão tinha que fazer uma viagem e por isso recomendára ao criado que o acordasse ás 4 horas da manhã, mas si chovesse não precisava chamal-o.

O criado dispoz-se a cumprir a ordem. A' hora marcada bateu á porta.

Oh patrão patrão!... quatro horas.

— Heim!... já ouvi.

— Mas não acorde, não. Está chovendo.



Sem esgares de pudicicia o corpo feminino é sempre adoravel.

A nudez

A nudez é o ideal de todo artista. Esculpe-a em marmore, nitidamente; pinta-a com perfeição e graça, é o que ha de mais difficil na arte, e tanto assim é, que os grandes genios, só depois de um tirocinio trabalhoso e longo, a tomam por moldelo para, no extase da perfeição humana, subir á apotheca grandiosa da immortalidade.

É a prova temol-a na estatua de Venus e no quadro de Phrynéa diante do Areopago, concepções artisticas, obras de verdadeiros talentos.

A nudez é a gaze molle, macia e transparente que envolve a Natureza toda. Todos os que esbravejam e gritam ao vel-a, quer na pintura, quer na estatuaria, peccam contra a

Natureza e peccam contra Deus. Pois a Natureza deu a tudo uma veste diaphana e finissima, que é a nudez, e Deus, quando fez o primeiro homem, cobriu-o com a mesma veste simples, singela, encantadora.

Os que gritam contra a nudez seria e decente, são aquelles cujos corações se acham reduzidos á um pantano de vicios e cujas almas já perderam a sua branura primitiva — symbolo da pureza e da innocencia.

Colloquem diante da estatua de Venus, uma virgem, não virgem de corpo, mas virgem de alma e ella contemplal-a ha serenamente, calmamente, sem se corar de pejo. A nudez é immoral e suja, para os viciados, para os doentes de coração e de alma. Para os saos ella é a synthese do Bello, da Perfeição e da Graça.

G. Alencar.

CERVEJA POLONIA A mais saborosa



As cartinhas



Quem escreve estas linhas não é positivamente um marmanjo de barba á *Andeau*, de bigodes retorcidos pelo effeito das pomadas. Não.

Quem escreve é uma mocetona de olhos brejeiros, de olhos redondos, de olhos negros como as jaboticabas do Estado do Rio.

E... basta uns olhos bonitos para pôr a gente tonta!

Para que falar, pois, no resto.

O resto se advinha...

São umas tantas tentações que ficarão para a proxima missa.

A minha missa é sempre ás quintas e invariavelmente a esta hora.

* * *

Já sei, o leitor atirado á conquistas vae cavar onde eu moro. Para não fazel-o gastar muito sebo com as canellas, já lhe vou avisando que não é no *Secco* do Alferes. Não gosto de morar para as bandas da Saúde.

Eu moro um pouco acima do *Petronio de Todos os Santos*. Quem conhecer o *Fernão Pinto*, forçosamente me conhecerá, por dentro e por fóra — como o *theatro barato* do *Elephante Marron*. E eu não sou outra coisa senão um *theatro cero*, cuja platéa vive sempre repleta de amadores.

* * *

Certa vez o *Fernão* vendo passar pela lente da sua arma de critica a filha do *comendador Acacio*, teve essa phrase para a *Chiquinha*: «Ora, vá ser bonita para o diabo que a carregue!»

E, voltando-se para mim:

— Não tenho razão *Xandóca*?

A belleza das filhas do *Acacio* dóe como os meus callos maduros do pé direito.

E fez uma careta comica para fazer a *reclame* das botinas de verniz, que as polainas encilhadas pelo peito dos pés, como os cingidouros da barriga dos cavallos, não deixavam ver o effeito de uns dois remontes.

E como quem faz do pé uma batuta, continuou:

— A belleza das filhas do *Acacio* doe como os meus callos maduros.

O *Binoculo* de remontes!...

Mal eu cahi na asneira de declarar que me chamava *Xandóca*, começaram a chover as cartinhas amorosas para a redacção do *O Riso*.

E' *Xandóca* p'ra cá, *Xandóca* p'ra lá, *Chininha* p'ra lá, *Chininha* p'ra acolá. E os pretendentes têm chovido como a *dizima periodica* dos partos litterarios.

Os meus pretendentes são na quasi totalidade litteratos.

Os litteratos são sempre...

Uns promptos!

Haja vista em *Fernão Pinto*.

O *Binoculo* é um pobre diabo.

Si o *Figueiredo* fechasse os olhos para a vida, e si os defuntos vivos não pegassem no bico da chaleira dos defuntos mortos, que têm uma columna na *Gazeta* e inventam a *Mi-Carême*, fazendo a *reclame* da... *culotte*, o *Binoculo* iria fatalmente no rabeção para o *Campo Santo*.

* * *

Quem dá o cavaco com as minhas cartinhas abertas, com as minhas cartinhas amorosas, é o *Rebello Braga*.

— Menina, o meu jornal é um jornal para fazer rir, mas, é um jornal serio. Positivamente eu não admitto esse chuveiro de cartas assucaradas para a nossa redacção.

Positivamente!...

E' boa, um jornal para fazer rir e que é serio!

E' boa!



* *

China, eu? Vamos ver si mais esse atrevido ficará, com a leitura destas linhas, sabendo que eu o considero um asno.

Em primeiro lugar, senhor Acacio, fique sabendo que eu não tenho olhos de amendoa, apertados como um arrocho, e que não bebo opio. Em segundo lugar, que não embarco com velhos, mesmo quando elles usem cartolas que façam lembrar as do fallecido Jacintho Lopes. Os velhos para mim são tão frios como os sorvetes de carrocinha. Uma moça do meu tope, o que quer é o calor de um capote! E o meu caro commendador ha de concordar que, é um capote que não mais agasalha, por já ter perdido a volupia do primeiro pello. E, um capote pellado nesta entrada do inverno, é uma coisa que, positivamente, não me agrada!

Não gosto dos commendadores: são quasi todos uns vencidos, e... os vencidos não podem lutar. A luta é para mim o paraizo da vida. E a vida sem a luta é um inferno para uma mulher nova e cheia de aspirações. Eu gosto do homem que briga com a cara metade, e quero um que brigue devéras! Do contrario seria capaz de atirar-me ao mar, daquella barca da Cantareira onde o Petronio deixou o velho sobretudo dos tempos em que fôra revisor d'O *Badalo*, para poder ter assumpto para a novella de um *cadaver morto*.

Que desgosto para a mulher que tem um marido que não briga como os gallos do general Pinheiro Machado. Que desgosto! As amigas sapecas começam logo: «fulana, cicrana, beltrana, tu tens um marido que não briga: o teu marido é, Chininha, que não sabe fazer arroz mechido».

Ora, senhor Acacio, sendo eu uma Chininha, é claro que só posso recusar a mão de um Chim que não sabe fazer-me um prato de arroz solto ou mechido, todas as noites, ou mesmo uns tantos pratos desta petisqueira dos filhos do Celeste Imperio.

Digo todas as noites, porque não uso arroz no almoço, e janto sempre depois das dez horas.

Xandóca.



Dizem que o aeronivel do Dr. Ribas Cadaval vae ser empregado como submarino.

Entre compadres

—

Quando eu puz o pé no Rio
Logo assartei na Centrâ,
Dei de cara com o Manduca
Afardado de fiscá.

Como trazia uns imbruio
Muito apezado na mão,
Dei a metade dos dito
Ao meu cumpadre João.

Nunca vi tanto baruido
Como na Estrada Centrâ!
Nunca vi tanto sordado,
Nem tanto guarda fiscá!

O Manduca me alevou
Para a mesa de um café,
Nós matamo o bicho junto,
Fômo ao depois p'ra o hoté.

Na janta veio uns miudo
Cumpleto de uma porcada,
E o cumpadre Manduca
Não me deixou pagá nada.

Despois nós dois fômo junto
A' rua da Cunceição:
Ah! cu madre, não te aconto
Que rua de atentação!

A noute eu fui com Manduca
A avenida Beira-Má;
Que lugarzinho, cumadre,
Tão bom p'ra gente apescá!

Outro passeio, cumadre,
Fresquinho mesmo que dóe:
E' na cacunda das barcas
Viajá p'ra Niteroi!

Cumadre ao depois escrevo
Com mais vagá p'ra vancê:
Contando tudo que os oio
Do seu cumpadre aqui vê.

Migué.

Jucá

* * CURA TOSSE * *

— Bronchites, asthma, encarrros
sanguineos, Tuberculose, Hemoptyses e Diabetes.

VIDRO 2\$000

LABORATORIO: Avenida Mem' de Sá, 11



A CARTEIRA

O dr. Estuca andava atropalhado da vida. Sem emprego, sem fortuna, elle vivia em constantes collisões para pagar a casa e a venda. Era casado e sua mulher era bella de rosto e de formas, tendo sobretudo a pronunciada rotundidade que os homens tanto gostam, desde que se acabou com as anquinhas.

Annos elle passou soffrendo o cruciante supplicio de discutir com os *cataveres*. Não sabia mais o que inventar, que desculpas dar;

porfim, lembrou-se de mandar a mulher fallar-lhes. Oh! que invenção!

O socego voltou á casa e a abundancia tambem.

Elle entrava diariamente em casa. Já não escolhia horas, não quebrava esquinas.

Que talento diplomatico tinha sua mulher, admirou-se elle.

Ageitar assim os credores, domal-os, fazel-os esquecer as dividas, não era coisa que coubesse a todo o mundo.

Agora até, quando os encontrava na rua, elles o complimentavam amavelmente:

— Sr. dr. Estuca, como passou?

E sorriam humildes e delicados.

E assim passou um anno e elle não se admirou. Um dia, porém, recebeu o seguinte bilhete:

— «Tolo. Não estás vendo que tua mulher te trahe. Como pagas casa? como te vestes? queres mesmo ser...»

E não dizia mais nada o bilhete. Elle ainda leu-o uma vez, duas e teve aquella dôr especial dos trahidos pelas mulheres, dôr que é bem na testa e pesa sobre a cabeça duramente.

Que devia fazer? Matar? separar-se? Era preciso verificar. Tudo que não o levasse a uma convicção assentada, segura, devia ser afastado. Então se devia acreditar assim em cartas anonymas? Não. Quem sabe se um inimigo por ahi não a tinha preparado para lhe tirar a calma, arredal-o de suas pretensões, leval-o ao crime, ao escandalo. Era bom verificar primeiro; e elle resolveu verificar.

Andou pelas casas suspeita comodinho que a mulher lhe dava; mas em nenhuma a encontrou. Resolveu vigiar sua





casa. Sahia e ficava pelos arredores; mas nada via. Um dia, porém, lobrigou um sujeito que lhe entrava pelo lar a dentro. Hesitou, acariciou o revólver, revistou as algibeiras: tinha tudo n'ellas.

Como entrar? Ah! e correu.

A mulher estava trancada no quarto. Bateu. Os dois estavam lá dentro, o amante e a adúltera, e houve a scena de sempre. A mulher não abriu logo.

—Lili, abre. disse o dr. Estuca com doçura.

—Não posso, Quiucas, vou vestir-me. Que é que queres?

—A carteira.

Ella não teve duvidas. Pediu a do amante e passou-a por debaixo da porta.

—E' esta? perguntou ella.

Estuca viu-lhe bem o conteúdo: notas de cem, duzentos e quinhentos; e respondeu peremptoriamente:

E', Lili. Obrigado.

E sahiu contente com aquella sorte inopiada.

Colagne.



Ancias

Como tarda, meu Deus!... Que anciedade!
Que desejos me assaltam de revê-la!
Quero nos braços. entre beijos tê-la!
Baixa a noite e não vem... Que anciedade!

O coração na *crucis* da saudade,
Na tréva busco o rastro dessa Estrella...
Que desejos me assaltam de revê-la
Como lacera o espinho da saudade!

Oh! céus, que sinto, uns agitados passos!
Eil-a que vem, quanto perfume, quanto!
Ella a sorrir se próstra nos meus braços.

Não direi com que éstos nos amámos:
Os enredos de amores se alongam tanto
Que um romance dariu o que fallámos!

Lucrecio.

FILMS D'ARTE

Sua Ex. o Sr. Belizario

Foi uma figura circumspecta, desde os bellos tempos que se foram e não voltam mais...

Os collegas de academia accusavam-n'o acremente, por se entregar com mais afan á leitura do Catechismo do que dos livros de jurisprudencia.

Em certo semanario dos moços do seu tempo, foi caricaturado com uma corôa de fórma tão precisamente geometrica, que os discipulos de Comte podiam fazer a dizima periodica dos infinitamente pequenos, com a pequena curva plana e fechada da sua cabeça.

D'outra vez, sahira em outro jornaleco alegre, de burel e com um roزاری mais longo do que os que usam os barbadinhos do Castello.

Nos tempos idos, como nos que vão correndo: rezava, rezava, e... rezava...

Rezava muito!

Dormia sempre com as mãos em cruz, para ter durante a morte apparente, sobre o peito, o symbolo da Paixão.

Rezava uma meia dúzia de Ave-Marias.

Não entregava, sem essa missa cantada, a sua alma a Morpheu:

Deus nobis hæc otia fecit

Por estar convicto que a Arvore da Sciencia do Bem e do Mal fôra uma... macieira, jamais quiz saborear os seus pomos.

O seu fanatismo religioso, as mortificações dos seus jejuns pela xerophagia, não impediram que S. Ex. fizesse um curso de truz.

Foi bom estudante.

A Religião ensinou-lhe a não ser Judas, do mesmo modo que a não comer carne verde ás sextas-feiras.

Nunca aprendeu a trahir, apesar de ter tido boas mestres.

E' bom amigo.

Gosta tanto do nosso Cardeal, como José de Arimathéa gostava de Jesus.

As suas ladainhas são sempre de moral.

Quando vae ao cinema, se é desenrolada uma fita mais alegre, fecha logo os olhos, e exclama:

Odi profanum vulgus

A casa é o convento onde se enclausura no carinho da esposa e dos filhos.

A familia é a sua Santissima Trindade.

Padre, Filho, Espirito-Santo...

Amen!

Fathé d'Encre.



O RISO

Prometterei dizer um roزاری de cousas sobre o riso.

Não creio que a leitora sinta cocegas de hillaridades com a minha costumeira ausencia de *verve*.

Não creio!

Em geral, o riso nasce das surpresas. Mas ha surpresas que só podem tornar um homem carrancudo.

O homem que pensa encontrar a cara metade na roda viva do *ménage*, e vae, ao contrario, surprehendel-a no colloquio amoroso, não pode, nem por um *tour de force*, sorrir. Seus labios hão de fechar-se, naturalmente, para o riso, como o thesouro de um cofre fechado a *sete chaves*.

Não me convem falar nas chaves, nem no perigo que ellas podem causar, introduzidas falsamente nos buracos das fechaduras.

Caluda!

Vamos ao riso.

Nos rimos de um magistrado que, em vez de andar folheando livros de jurisprudencia, consome o maior do tempo no cultivo das tulipas, ainda quando essas flores sejam tentadoras como as da Hollanda.

Nos rimos de um mancebo que, por um esforço de comedia, busca attestar a gravidade de um homem maduro.

Nos rimos de uma creança pernostica que pensa nos convencer que saborea o *menu* de um jórnal altamente politico.

Do Gastãozinho, um fedelho da altura da bota de um official de policia, que diz conhecer o curso da Bolsa, não conhecendo outra bolsa, senão a que leva o farnel para a escola.

Essas fumaças provocam o riso.

As antitheses nos tiram dos labios essa escala de prazer.

Uma scena grosseiramente pornographica só poderá fazer rir á bandeiras despregadas o burguez b: rato.

Ha cousas que nos fazem brigar com o riso, ficando de mãos dadas com a colera.

Si um actor (diacho, eu já vou sahindo do programma) tirasse, por esquecimento, o ridiculo do seu papel, a platéa em vez do riso daria uma estupenda pateada.

O riso, então, cederia o logar ao protesto.

Mas as surpresas dos actores são raras na historia dramatica.

Ligações imperceptiveis unem o espanto á alacridade.

Voltaire diz que o riso nasceu do orgulho.

Ser altivo é ser grave.

Seria por altivez que o celebre poeta teria rido vendo o seu jumento saborear os manjares que o esperavam á mesa na sua venda de Chatenay.

Leitora *chic*, de *jupe-culotte*, de chapéo chaleira, o teu orgulho no riso é apenas para o *reclame* das perolas da tua bocca!

Juvenal.



Elles

Elle, é padre.

Ella, uma francezinha,

Contra mestra do...

Ella, corta o panno com a tezoura.

Elle, com o bisturi da satyra.

Ella, é tão *mignon* que...

Elle ás vezes a guarda nas dobras da so-taina.

E não cessa de cobril-a, pôrque:

Quasi sempre quando vae á noiteinha buscal-a ao *atelier*...

Chove!

(Dahi o factio de cobril-a todas as nóites.)

Mas, ella ainda se queixa da chuva

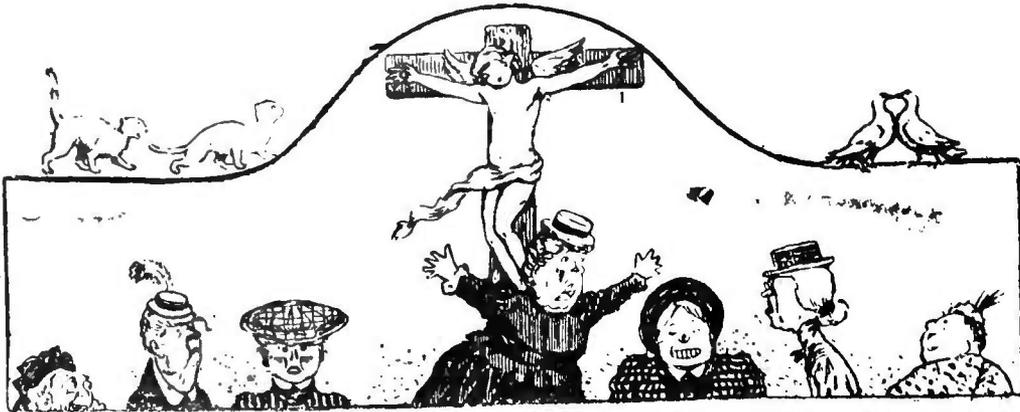
Por não ser devéras coberta.

E' por isso que abusa tanto do... *acornito*.

Severiano.

Elixir de Nogueira

do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Unico que cura a syphilis e suas
o o o o terríveis consequencias.



Casar ou não casar ?

THAT IS THE QUESTION

Pode-se comparar o casamento a uma casa muito bem construída por fóra e de aspecto encantador. Vista da rua, ella parece repousante, tranquilla; a fachada sorri ao transeunte. Tudo convida a entrar: o mysterio da porta fechada, a alameda poetica do jardim, um rosto sorridente, que apparece á janella... Tudo nos diz: — Detem-te, aqui está a felicidade, não a procures mais longe...

Entra-se e, mal se acabou de entrar, ter-se um violento e irresistivel desejo de sahir. A deliciosa casinha, que tanto nos tentou e encantou é uma prisão¹

Essa prisão as mulheres ainda mais do que os homens se queixam de viver nellas e choram quando não são nellas admitidas. As solteironas não resignadas ao isolamento são tão numerosas como as esposas, que se julgam infelizes ou incomprehendidas, umas queixam de conhecerem as agruras da prisão matrimonial; outras lamentam-se por não lhes ser dado conhecer esse carcere, que apesar de seus pezares sempre tem algumas consolações para as mulheres de nervos vibrantes, sempre é melhor do que a morbidez torturante de viver só.

Porém ainda mais dolente e queixosa as que, apoz a iniciação na ventura, ficam d'ella privadas, isto é as viúvas, que não encontram novo marido. Em compensação já é bastante numerosa em certos paizes a classe das divorciadas e viúvas, que detestam o casamento. Isso prova que muitas vezes é das cousas mais difficeis fazer a felicidade de uma mulher... legitima.

Na Allemanha, em Saxe-Meiningen, ha um Club de solteironas e viúvas, que se chama *Club do Desapontamento em Amor*. Quando se installou esse club, severamente fechado aos homens, em 1903, sua presidente era uma senhora, que já se casára tres vezes sem encontrar a felicidade. Cada nova e infructuosa tentativa era seguida de divorcio reparado, mas — dizia ella — o segundo marido fizera saudades do primeiro e o terceiro fizera-a considerar o segundo um anjo, por comparação. Liquidado seu ultimo associado conjugal a presidente concluiu, com muita logica, que a felicidade no casamento é impossivel e abster-se de uma quarta experiencia.

Por outro lado muitos homens não se atrevem a abordar o casamento por convicção de que não conseguiriam tornar tão felizes como merecem donzellihas, ansiosas por tentar a experiencia. Esses cavalheiros accusados de egoismo e falta de patriotismo, são simplesmente creaturas de humavel modestia.

De resto essa modestia está se tornando muito commum no sexo barbado, que só por evidente má vontade pôde ser julgado presumido. A prova é que em quasi todos os paizes o numero de casamentos tende a diminuir, mesmo entre os povos de opinião mais favoravel a essa especie de associação... Em New-York, no anno passado, o conselho internacional de mulheres votou uma moção em que, a pretexto de evitar o «suicidio da raça» pediam que o governo tornasse o casamento obrigatorio. Vejam que ferocidade! Verdade seja que esse conselho internacional verificára com estatisticas que ha nos Estados Unidos cem mil mulheres, que esperam em vão um



marido: Cem mil donzellas já maduras l...
O proprio Hercules fugiria espavorido.

E é assim em todo o mundo, salvo talvez no Congo e entre os Papuas da Nova Guiné, o numero de solteironas augmenta sem cessar.

Na Europa ellas vão se resignando ou fingindo resignar-se, a esse deploravel ostracismo

Na Dinamarca ha uma especie de companhia de seguros que lhes garante uma pensão desde que alcancem a idade de quarenta annos sem achar marido.

Em Guilford, Inglaterra, organisou-se uma liga, que se intitula: *Sociedade para desenvolver nas mulheres a indifferença pelos homens*. (Já a legendaria Sapho apprehendera na Grecia gloriosa uma campanha semelhante, ensinando ás mulheres processos secretos para ser feliz sem a collaboração masculina). Para entrar para essa associação é preciso demonstrar que está absolutamente á prova dos encantos dos homens. O que não lhes sei dizer é como se faz essa prova de insensibilidade aos attractivos masculinos. Será praticamente? Sujeitar-se-ha cada candidata ao titulo de socia a verdadeiras tentações para patentear sua frieza d'alma e de carne?

Em todo o caso essas feministas anti-matrimoniaes deviam se inspirar no exemplo de uma Sra. Baborough, que falleceu em 1733, na Hollanda. Essa veneravel dama morreu solteira, com 83 annos e declarou em testamento que fugira ao matrimonio «para impor silencio á calúnia que accusa as mulheres de não poderem passar sem os homens». (Lembra a raposa da fabula... "Estão verdes". Sabe Deus o que lhe custou passar sem elles!) Deixou 100 lbs. a quatro homens que carregassem o seu caixão. Esses homens deviam provar ter 40 annos e nunca ter tido relações de carne com mulheres. (Com quem então teriam?) Como não encontraram horreos nessas condições substituiram-n'os por mulheres de egual idade, ás quaes, por prudencia não exigiram que provassem nunca ter tido relações com creaturas de outro sexo.

CURTOSO.



— Que fim levu o «novo Riachuelo»?
— Está á espera que o «Minas Geraes» seja vendido, para chegar.



— Então a nossa marinha é agora luso-brasileira?
— Porque?
— A marinhagem não é quasi toda portugueza...

PERDI!...

Batalha Costa era um pandego de marca maior; e, embora casado, gostava de ficar até alta madrugada na rua bebendo chopp de casa em casa. Naquelle dia a coisa foi forte e elle foi para a casa, meio cá, meio lá.

A mulher era uma excellente creatura e não havia noite em que elle chegasse *estrugado*, que ella não o reprehendesse severamente.

Para evitar essas coisas, Batalha logo que abria a porta tirava as botinas, ia pé ante pé até o quarto, despiu-se no escuro e deitava-se.

Dessa maneira a mulher não despertava e o pito ficava adiado para o dia seguinte.

Naquelle dia, como diziamos, elle meteu-se mais forte na cerveja; mas não foi tanto a cerveja que lhe fez mal: foram a cerveja e... o resto. Porque elle bebia tudo, tudo, desde o paraty até champagne.

Como de costume entrou, tirou as botinas, foi no escuro pelo corredor, entrou no quarto, despiu-se no escuro e deitou-se cautelosamente ao lado da senhora.

Dormiu e, pela manhã, a mulher segundo o costume, procurou as peças de sua roupa, para escoval-as e pôr o vestuario do marido em ordem.

Ella achou as calças, o collete, o collarinho as meias, mas não havia meio de encontrar a ceroula.

Procurou por toda a parte, verificou se elle estava dormindo com ella; mas não, elle estava tão sómente com a camisa de dormir.

Que diabo: onde estará a ceroula? pensou ella.

Batalha dormia a somno solto; mas foi tal o espanto da sua senhora em não encontrar a ceroula que não pode deixar de despertar-o.

Foi a custo que o conseguiu. Batalha viera tarde e além de tudo muito *carregado*, de forma que sua mulher teve que dar muitos empurrões, chamal-o varias vezes, para o despertar.

Custou, mas afinal elle abriu os olhos.

— Que dê tua ceroula?

— Não está ahi?

— Não.

— Então perdi.

— Mas, como?

— Perdi. Então não posso perder um objecto?

— Mas, a ceroula!

.....

E' que a peça do vestuario tinha cahido atrás de uma das malas.

Kalino.



BASTIDORES

A Sra. Palmyra Bastos, continúa a sua messe de triumphos com a peça da moda *Amores de Principe*, que provavelmente ainda dará muitas cheias ao Taveira, devido á impecavel encenação e desempenho.

*. Está trabalhando no Theatro Lyrico, uma Companhia Franceza do Theatro Chatelet de Paris.

Sua peça de estréa foi *Miguel Strogoff*, original de A. D'Ennery e Jules Verne, musica de M. Artus, cousa mais velha que a sé de Braga (sem offender o nosso Braga)

A *elite chic* de Botafogo, encheu o theatro para ver uns cavallos magros em scena, ou uma musica fuobre, e ver artistas que se abalam da velha Europa para nos empingir cousas do genero do *José do Telhado*, *Pedro Sem*. e... o diabo que os carregue.

Para se ver esses dramalhões do tempo de Dom Miguel Charuto, antes levar um tiro do João Barboza, P. reira da Costa, e outros que são cá da terra...

*. No *Palace Theatre*, estreou ante-hontem uma companhia hespanhola, que fez successo em S. Paulo.

Vamos vel-a e depois diremos o que sentiremos.

*. Partiu terça-feira para a Bahia, a companhia portugueza do Sr. Luiz G. lhardo, que deve estar de volta ao Rio em fins de Agosto.

*. O *Santo Antonio*, de Gastão Bousquet, óra em scena no theatro Chantecler, continúa a fazer franco successo e soberbas casas.

E depois digam que o santo não faz milagre...

*. Continúam fazendo ruidosos successos no Pavilhão Internacional, as cantoras *Miss Gladys*, *Ada Florio* e *Paqueta Montez*, e as attracções *Los Sardos*, *Jackley Bross* e *Doris and Frances*

Nas coxias...

De volta de sua *tournee* á Minas, onde cantou muitas cançonetes e fez magica, achase novamente fazendo ponto no *Stadt Munchen* o distincto actor dramatico Affonso, de Oliveira.

. Voltou ao Rio, *mambembe* como a companhia do Theatro da rua dos Condes, a sra. Pepa Delgado.

. Recebemos uma carta dos autores do *Perigo Amarello*, pedindo-nos para darmos a

noticia que a sua peça já está em ensaios no Carlos Gomes, embora a companhia esteja quasi...

. A companhia de tiro sob a direcção dos srs. capitães Pereira da Costa e João Barboza, aquartellada no S. Pedro de Alcantara, continúa a ensaiar *Os milagres de Santo Antonio* para o dia de S. João.

. Ao que sabemos a sra. Cremilda não comeu *marisco* este anno; mas em compensação diverte-se com um cravo, que por certo ha de durar um *seculo*.

. Parece-nos que o Olympio não deixará o Brazil desta vez, devido... devido ao Theatro Municipal, provavelmente...

. O sr. Fonseca Moreira que daqui partiu ha dias para uma viagem de circumnavegação, estacionará em Lisboa, tendo deixado aqui como seu representante, o actor João Silva.

. A companhia do Carlos Gomes, até a hora da nossa folha entrar para a machina, ainda não tinha *ressuscitado*.

João Helena.

Diz a *Gazeta* que um dos «caitens» ultimamente presos pela policia tem a originalidade de só se alimentar de miudos de gallinha.

O estimado noticiarista admira-se, no entanto é a coisa mais natural que póde haver. As gallinhas, com certeza, têm as outras partes muito comidas e, si não fossem os miudos, o pobre diabo morreria de fome.

O *Binocolo* com suas possantes objectivas descobriu que o dia de sabbado si não estivesse chuvoso seria de extraordinaria belleza.

A mesma coisa disse o senador Gervasio por occasião de seu ultimo discurso no casarão da rua do Areal.

O prefeito Bento Ribeiro, no intuito de augmentar as rendas da Prefeitura, vae arrendar o Theatro Municipal a uma empresa cinematographica.

— Onde está o João Candido?
— Dizem que embarcou para a Europa.
— No «Satellite»?

Qual! E' navio costeiro; foi no «Atlantique».

BEBAM SÓ — CERVEJA POLONIA



As Aventuras do Rei Pausolo

ROMANCE JÓVIAL

Livro primeiro — Na terra da nudez feminina

CAPITULO II

Em que se apresenta o rei Pausolo, seu harem, seu Grande Eunuccho e seu palacio.

O templo predilecto do Rei estava situado em um parque, era consagrado a Dêmeter e Pensepho. A um Pausolo pedia uma boa colheita para o povo e ao outro que só apparecesse o mais tarde possivel.

Depois de conhecidos o Rei, as mulheres, o Grande Eunuccho e o palacio, passemos a descrever a branca Alina.

III

Em que se descreve a branca Alina

A branca Alina era filha de uma mulher hollandesa e naturalmente do Rei Pausolo tambem. Tinha os cabellos loiros, a pelle alva com alguns tons roseos, narinas dilatadas e labios delicados.

Desde a idade de quatorze annos Alina tomára um certo interesse pela sua individualidade. Passava horas inteiras, pela manhã, contemplando-se diante do espelho. Era interessante vel-a n'essa occasião.

Os seios, muito novos, conservavam um frescôr delicioso. Sentia-se dominada pelas suas proprias fórmas e, de quando em quando, beijava e acariciava sua propria imagem.

A branca Alina não tinha amigas, vivia inteiramente isolada.

Pausolo era muito tolerante para o povo, porém severo para a filha. Gostava de encontrar virgens nús pelo caminho, mas não apresentava a filha da mesma maneira aos subditos. Dava-lhe uma educação toda especial.

A branca Alina perdera a mãe muito cedo.

As damas de honor só podiam fallar á Princeza quando tratassem de sua instrucção litteraria.

Pela manhã, enquanto o Rei e as Rainhas ainda dormiam a branca Alina percorria

o parque. Divertia-se sósinha, do mesmo modo que se uma multidão de crianças estivesse com ella. As arvores lhe serviam de companheiras e os recantos do bosque eram seus confidentes.

Muitas vezes chegava arquejante por ter corrido atrás de um lagarto ou de um coelho.

Assim vivera a branca Alina até o dia em que deixou o palacio com «alguem muito gentil» que zelaria pela sua vida.

IV

Como o Rei Pausolo entrou no palacio e o que achou prudente fazer

A mula Macaria parou á porta do palacio contrariada por ter corrido tanto. Sua idade,



Todas as mulheres cousevavam a mesma posição em que foram sorprendidas pelo somno.

seus costumes e seu caracter não permittiam tão grandes esforços.

O Rei entrou precipitadamente. Os cabellos estavam desgrenhados, a coroa desaparecera, a roupa coberta de poeira e as mãos crispadas.

Pessoa alguma ousou dar-lhe as primeiras explicações. Os corredores, mais desertos que as galerias de um museu, conduziam aos



quartos abandonados. Todos largaram seus affazeres.

Pausolo atirou para longe, com o pé, um phonographo que lhe atormentava os ouvidos com a serenata de Mephistofles. Suppoz que toda a corte tivesse sahido em busca da Princeza.

Apenas encontrou uma lavadeira, muito espantada, agarrada ao canto de uma janella.

Quiz perguntar-lhe alguma coisa, porém não poude articular uma palavra. Continuou a caminhar.

Atravessou quinze salões onde as cadeiras conservavam as posições habituaes. Nenhuma estava occupada. N'um dos salões havia um retrato da Rainha Christiana, mãe da Princeza Alina.

O Rei parando diante do retrato perguntou:

— Desgraçada! Que é de teu sangue? de tua raça?

Mas a Rainha continuou com aquelle mesmo sorriso que lhe dera o pintor.

O Rei penetrou no harém silencioso.

Era a hora da sésta.

Mais de trezentas pessoas respiravam na mesma sala.

Todas as mulheres conservavam a mesma posição em que foram sorprendidas pelo somno. Para qualquer lado que Pausolo se virasse deparava com uma mulher núa.

N'um só divan achavam-se mais de quinze.

As que sentiam calor deitaram-se dentro de um tanque, com as pernas esticadas debaixo d'agua e a cabeça apoiada ao marmore das bôrdas.

O grande silencio do harém abrandou um pouco o Rei. A paz, como o barulho, é contagiosa.

A calma e a serenidade d'aquelle meio mudaram-lhe as idéas.

Como as roupas estivessem em estado deploravel achou prudente mudal-as.

Pausolo, então, chamou um dos famulos e mandou que lhe trouxesse «sua robe de chambre e a cigarreira».

Começou a pensar como havia de fazer voltar a Princeza. Eram problemas que não podiam ser resolvidos em cinco minutos.

Já não podia mais livrar a branca Alina do perigo, mas para fazel-a voltar ao palacio ainda estava em tempo. O facto tinha-se consumado, todos o sabiam, era melhor repousar.

Estava resolvido; mais tarde trataria do caso.

Pausolo banhou-se, fumou dois cigarros e comeu alguns biscoutos molhados em vinho do Porto.

Uma idéia preocupava-o. Dizia elle consigo:



Sentia-se dominada pelas suas proprias fôrmas.

— Enquanto descanso e reflecto, minha filha pratica o acto mais importante de sua vida.

Todas as scenas reproduziam-se em sua imaginação com uma exactidão desagradavel.

Alina havia commettido uma grande falta, mas... não podia mais ser reparada. Era preciso supportal-a. Pensar de outra maneira seria perder tempo.

N'essa mesma noite Pausolo voltou ao harem.

(Continúa)

DR. ALVARO DE MORAES

DENTISTA

44, Rua 7 de Setembro, 44

(Canto da rua da Quitanda)

Telephone 1945 * Rio de Janeiro

Trabalhos garantidos, feitos com a maxima brevidade. Consultas diarias das 7 horas da manhã ás 9 da noite. Aos domingos das 8 ás 2 horas da tarde. Dispõe de installações electricas para a clinica nocturna.